

- c. *O portão pintou.
- d. Esse portão pinta rapidamente¹.

As alternâncias ergativa e média se caracterizam pelo apagamento do argumento externo e pela promoção do argumento interno para a posição de sujeito, mantendo-se o papel temático de Tema. Não detalharemos as características de cada sentença, mas é importante dizer que, na literatura sobre o tema, essas estruturas têm sido diferenciadas pelos fatos de que (i) as médias, mas não as ergativas, requerem a presença de um modificador como *facilmente* e *rapidamente* (cf. (1d) e (2d), respectivamente) e (ii) as médias conferem a seu sujeito a interpretação de uma propriedade inerente e expressam estados, enquanto as ergativas expressam eventos.

Interessa-nos analisar por que os verbos do tipo de pintar só admitem a alternância média, enquanto os do tipo de abrir admitem tanto a alternância média quanto a ergativa. Para alcançar esse objetivo, e considerando o contraste entre esses verbos na expressão do sintagma Instrumento em posição de sujeito (cf. (1b) e (2b)), trabalharemos com uma análise que envolve a relação entre sintagmas Instrumento e sintagmas Agente, focando a questão do agente implícito, usualmente atestada para as construções médias.

Assumiremos ainda que a estrutura sintática de um predicado está relacionada com o seu significado e partiremos da análise de Salles & Naves (2009), segundo a qual o fato de o Instrumento estar (ou não) previsto na estrutura léxico-conceitual dos predicados sob análise estaria na base da explicação para o licenciamento (ou não) da alternância de configuração sintática observada em (1b) e (2b). Nossa argumentação estará baseada na formação de nomes pela sufixação em *-or*, que parece revelar traços da estrutura léxico-conceitual desses verbos.

2. A Proposta de Salles & Naves (2009)

Salles & Naves (2009) examinaram construções com alternância sintática, em que o argumento introduzido pela preposição *com* tem papel temático de Instrumento, entre as quais se incluem os predicados que constituem o objeto da nossa pesquisa (cf. (1) e (2)).²

¹ Naves & Lunguinho (2009, p. 2) observam que, em contextos gramaticais específicos, principalmente com a inserção de modificadores, *pintar* forma sentenças ergativas gramaticais (cf. (i)). Os autores propõem que questões aspectuais estejam envolvidas na explicação desse comportamento sintático dos predicados formados com verbos como *pintar*. Para os fins a que nos propomos neste artigo, vamos considerar apenas a sentença ergativa sem modificação adverbial ou aspectual (como em (ib)).

- (i) a. Os pedreiros pintaram o portão.
- b. *O portão pintou.
- c. ?O portão já pintou.
- d. O portão (es)tá pintando.
- e. ??O portão começou a pintar.
- f. O portão continua pintando.
- g. ??O portão terminou de pintar.

² Além de predicados como *abrir*, que apresentam a chamada alternância causativa ou instrumental, exemplificada no nosso trabalho em (1c), Salles & Naves (2009) analisaram também construções com alternância locativa (cf. (i)) e com alternância psicológica (cf. (ii)), interpretando o papel temático de Instrumento tanto no campo denotativo (físico, material) quanto no campo metafórico (abstrato, psicológico). Deixaremos esses dois tipos de alternância à parte, por não estarem ligados ao tema do nosso trabalho.

- (i) a. A Maria bordou o vestido *com lantejoulas*.
- b. A Maria bordou *lantejoulas* no vestido.
- (ii) a. O João preocupa a Maria *com esse tipo de comportamento*.
- b. *Esse tipo de comportamento* preocupa o João.

(SALLES & NAVES, 2009, p. 10-11)

Os dados de alternância sintática com o Instrumento em posição de sujeito – alternância instrumental (cf. (1b) e (3b)) – e com o Tema na posição de sujeito – alternância ergativa (cf. (1c) e (3c)) – contrastam, segundo as autoras, com os dados em que essas alternâncias não são possíveis (cf. (2b-c) e (4b-c)).

- (3) a. A Maria abriu a porta com a chave.
b. A chave abriu a porta.
c. A porta abriu (com a chave).
- (4) a. O João pintou a casa com um rolo.
b. *Um rolo pintou a casa.
c. *A casa pintou (com um rolo). (SALLES & NAVES, 2009, p.10-11)³

Para as autoras, em (3a) a noção de instrumento não está implicada na estrutura léxico-conceitual do verbo, enquanto em (4a) pressupõe-se que João tenha pintado a casa utilizando algum instrumento, nesse caso, um rolo. Ou seja, para o verbo *pintar*, mas não para *abrir*, a interpretação de instrumento é obrigatória, mesmo que ele não esteja expresso na sentença, de onde as autoras concluem que a estrutura léxico-conceitual de verbos como *pintar* difere da estrutura léxico-conceitual de verbos como *abrir*, no que se refere ao instrumento. Essa distinção tem reflexos na configuração sintática em que o instrumento pode ocorrer.

Salles & Naves partem do pressuposto de que o sintagma introduzido pela preposição *com* tem diferentes estatutos sintáticos em cada caso. Nos verbos que admitem as alternâncias, a relação entre Agente e Instrumento é obtida estruturalmente, por meio da ocorrência de um núcleo aplicativo que acrescenta um argumento à estrutura sintática. Entretanto, nos verbos que não admitem a alternância, o sintagma iniciado por *com* tem manifestação sintática independente do argumento externo, uma vez que o Instrumento está previsto na estrutura léxico-conceitual do verbo.

As autoras concluem, pelo contraste entre verbos do tipo de *abrir* e do tipo de *pintar*, que a possibilidade de uma sentença ergativa (incoativa) ocorrer depende da presença ou ausência de traços selecionados pelo verbo para uma função de instrumento:

A ausência de traços selecionais para o argumento Instrumento no verbo é condição para a manifestação da variante incoativa – somente nesse caso é possível construir a denotação independentemente da Causa/Causador; inversamente, na presença de traços lexicais para Instrumento, a variante incoativa é bloqueada. (SALLES & NAVES, 2009, p. 14)

Com base nessa conclusão, Salles & Naves propõem uma análise em termos da composicionalidade semântica, segundo a qual a interpretação das sentenças depende da relação entre os itens lexicais e a estrutura léxico-conceitual. Adotam a noção de fusão/fissão de argumentos (GOLBERG, 1995 citado por MICHAELIS & RUPPENHOFER, 2001) para explicar que, para verbos cuja estrutura léxico-conceitual prevê uma função instrumental, os argumentos Agente e Instrumento são projetados independentemente, o que bloqueia a alternância, enquanto para verbos cuja estrutura léxico-conceitual não prevê uma função instrumental, Agente e Instrumento são argumentos associados, o que permite a alternância. O conceito de fusão é entendido como o modo pelo qual os falantes depreendem as relações de co-referência entre os argumentos e os papéis temáticos atribuídos. Salles & Naves (2009, p. 20) sugerem que:

³ Os destaques são das autoras.

(...) uma proposta de análise das construções com alternância instrumental é a de que um único argumento (em termos das posições previstas na estrutura léxico-conceitual dos verbos) pode ser projetado como dois sintagmas interdependentes (co-referentes, em sentido lato), na estrutura sintática. Daí a utilização do termo 'fissão', associado ao termo 'fusão'. Sendo assim, em predicados do tipo de *abrir* (causativo) e *preocupar* (psicológico), projeta-se um núcleo aplicativo na posição de sujeito (...), contendo os argumentos Agente/Causador e Instrumento, o que estaria contemplado na noção teórica de fusão dos argumentos.

A proposta de núcleos aplicativos advém do trabalho de Baker (1988, citado por SALLES & NAVES, 2009), que identificou morfemas aplicativos nas línguas da família Banto, os quais permitem realizar um argumento adicional como sintagma nominal, em oposição à realização desse argumento como sintagma oblíquo, com papel temático de Meta (usualmente). O trabalho de Baker subsidiou a proposta de Pylkkanen (2002), para quem existiriam dois tipos de núcleos aplicativos: o aplicativo alto, que expressa a relação entre o evento e o indivíduo e é projetado acima de VP, e o aplicativo baixo, que denota a relação entre dois indivíduos e é projetado abaixo de VP.

A abordagem do fenômeno da alternância sintática em termos de uma proposta de núcleo aplicativo resulta na seguinte explicação para o comportamento distinto entre os verbos da classe de *abrir* e os de *pintar*: para os primeiros, *com* é um núcleo funcional (o núcleo aplicativo), em que são projetados dois argumentos – o Agente e o Instrumento (cf. (1) e (3)); para os últimos, *com* é um núcleo lexical que introduz o Instrumento (cf. (2) e (4)). O núcleo aplicativo é o responsável pelo fato de que, nas construções com verbos do tipo *abrir*, tanto o Agente quanto o Instrumento possam ocorrer na posição de sujeito, produzindo a alternância.

3. A questão do agente implícito

Tanto sentenças médias quanto ergativas não explicitam o argumento externo (usualmente interpretado como Agente) da grade temática do verbo. Mas, de acordo com a literatura linguística, diz-se que os falantes interpretam um Agente implícito em construções médias, diferentemente da leitura que fazem para ergativas (KEYSER & ROEPER, 1984; HALE & KEYSER, 1987).

Neste trabalho, investigamos essa questão do Agente implícito relacionando-a com a presença do Instrumento na sentença, uma vez que Instrumentos, por sua natureza semântica, serviriam como evidência da presença de um Agente na sentença, mesmo que não esteja manifesto. Para isso, apresentamos a seguir trabalhos que abordam a questão do Agente implícito em estruturas médias e ergativas por meio de testes sintáticos.

Segundo Keyser & Roeper (1984), sentenças médias parecem reter um agente implícito, enquanto ergativas não. O exemplo (5), para eles, claramente pressupõe um *trimmer*, ou seja, *alguém que poda o arbusto facilmente*.

(5) The hedge trims easily. (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 404)

A inserção de *all by itself*, para os autores, mostra essa diferença entre sentenças ergativas de médias. A expressão significa *sozinho/sem ajuda alguma*. Segundo os autores, a sentença ergativa (6a) é compatível com tal expressão por não pressupor a existência de um Agente. Por outro lado, a sentença média (6b) é agramatical, mostrando que haveria um sujeito implícito envolvido na interpretação semântica da sentença.

- (6) a. The boat sank *all by itself*.
b. *Bureaucrats bribe easily *all by themselves*.

(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 404)

A proposta dos autores se baseia na presença de um clítico abstrato, que não tem forma fonológica em inglês, mas que no italiano, por exemplo, seria representado pelo clítico *si* e no português por *se*. A função desse termo é de absorver/carregar o papel de Agente.

Hale & Keyser (1986) afirmam que médias envolvem apagamento de Agente na grade temática. A ideia é que o Agente está presente apenas na estrutura conceitual lexical dos verbos médios, sendo representado por uma variável X. A grade temática do verbo, em si, não contém um Agente. O princípio descrito a seguir determina como isso ocorre:

- (7) Uma variável da estrutura conceitual lexical é projetada na grade temática e recebe um papel temático *se*, e somente *se*, o verbo pode atribuir esse papel.

Já Hale & Keyser (1987) acreditam que o Agente não estaria presente nem mesmo na estrutura conceitual lexical dos verbos. Nessa perspectiva, o fato de alguns falantes considerarem que médias possuem um Agente, que não está expresso, viria da presença do advérbio ou da possibilidade de um sintagma de Instrumento ocorrer. Em (8a), interpreta-se que *o pão é facilmente cortado por alguém* e em (8b) que *alguém corta o pão facilmente com uma faca de serra*. Ou seja, é a informação trazida pelo advérbio ou pelo Instrumento que faz com que o falante interprete um Agente para o evento denotado na construção.

- (8) a. This bread cuts *easily*.
b. This bread cuts easily *with a hacksaw*.

(HALE & KEYSER, 1987)

Segundo Stroik (1992), o Agente implícito das construções médias é realizado na sintaxe por uma categoria vazia PRO. PRO é realizado como um elemento adjunto ao VP. Desse modo, o argumento interno fica livre para se mover à posição de sujeito visto que o argumento externo está em posição de adjunção.

- (9) [_{IP}bureaucrats_i [_{I'} [_{VP} [_{VP} [_{V'}bribe_{ti} easily]]] PRO]]].

(STROIK, 1999, p. 121)

A proposta de Stroik se baseia no fato de que estruturas médias no inglês podem conter sintagmas preposicionais (*for-PPs*), os quais estariam em distribuição complementar com PRO.

- (10) a. Bureaucrats bribe easily *for Bill*.
b. That book read quickly *for Mary*.

(STROIK, 1999, p. 121)

Outra evidência é a presença de anáforas que podem aparecer internamente aos sujeitos gramaticais. Conforme o Princípio A da Teoria de Ligação, anáforas precisam ser ligadas dentro de seu domínio de ligação. Para Stroik, a anáfora estaria coindexada com um NP sem matriz fonética que a c-comanda. Além disso, o antecedente da anáfora deve estar dentro do VP e caso não existisse um argumento externo a anáfora não poderia ser licenciada e a sentença incorreria em agramatical.

- (11) a. Letters to *oneself* read quickly.
b. Books about *oneself* never read poorly.

(STROIK, 1999, p. 121)

Klingvall (2005) destaca o teste da inserção de sintagmas Instrumentais, que, segundo ela, requerem a presença de um Agente (cf. (12)) e a ocorrência de *for-PPs* em sentenças médias (cf. (13)).

- (12) The window opens easily *with a knife*. (KLINGVALL, 2005, p. 101)
- (13) Bureaucrats bribe easily *for Sam*. (KLINGVALL, 2005, p. 108)

A autora ressalta que dados com verbos usualmente ditos ergativos, como *break*, também ocorrem na forma média e com a presença de um *for-PP*:

- (14) a. This kind of glass breaks easily *for clumsy people*.
b. This kind of window breaks easily *for experienced burglars*.
(KLINGVALL, 2005, p. 109)

Com relação aos trabalhos sobre o português, destacamos Pacheco (2008), que diz que médias possuem Agente implícito, enquanto ergativas têm argumento externo sintaticamente inativo, isto é, não possuem Agente. A autora utiliza o teste de controle de PRO, que precisa ser controlado por um elemento da oração principal quando ocorre em orações complemento.

Segundo a autora, estruturas médias com controle de PRO são gramaticais na presença de *se* (cf. (15b)). Já estruturas ergativas com controle de PRO são sempre agramaticais (cf. (16)).

- (15) a. *Livro infantil escreve [para PRO agradar as crianças].
b. Livro infantil SE escreve [para PRO agradar as crianças].
- (16) *O gelo do freezer derreteu [para PRO limpar o aparelho].
(PACHECO, 2008, p. 68)

Conforme Pacheco, sentenças ergativas ao não licenciarem orações finais estariam indicando que seu argumento externo é sintaticamente inativo. O clítico nas sentenças médias atuaria como elemento controlador de PRO, por isso sua ausência torna as sentenças agramaticais (cf. (15a)).

Ainda sobre o português, Cambrussi (2007) aponta exemplos de sentenças médias em que *se* não aparece (cf. (17a) e (18a)), mas poderia aparecer (cf. (17b) e (18b)).

- (17) a. Grego traduz facilmente.
b. Grego se traduz facilmente.
- (18) a. Essa camisa lava fácil.
b. Essa camisa se lava fácil. (CAMBRUSSI, 2007, p. 30-31)

Dados do inglês e do francês mostram diferenças translinguísticas na ocorrência desse morfema em construções médias: em inglês, *se* não aparece; em francês, o clítico parece ser uma exigência.

- (19) a. Greek translates easily.
b. This shirt washes easily.

- (20) a. Le grec se traduit facilement.
b. Cette chemise se lave facilement. (CAMBRUSSI, 2007: 30-31)

Em sentenças ergativas esse elemento é intitulado de “*se* ergativo” e discute-se, na literatura sobre o tema, se sua presença na sentença é uma marca de Agente. Em sentenças ergativas do português, o *se* pode aparecer ou não (RODRIGUES, 1997), assim como nas médias:

- (21) a. A garrafa (*se*) quebrou.
b. O feijão (**se*) cozinhou.
c. O leite (**se*) ferveu.

Os testes descritos acima pela literatura estrangeira e pelos trabalhos que analisam os dados do português apontam para a presença do Agente implícito como um diagnóstico de construção média, em contraposição à construção ergativa. Mostraremos a seguir, no entanto, que sentenças ergativas podem ocorrer com os elementos que têm sido apontados como diagnósticos da presença do Agente implícito:

- sintagmas instrumentais (Klingvall, 2005):

- (22) a. A porta abriu *com a chave*. (ergativa)
b. Esse portão pinta rapidamente *com um pincel*. (média)

- controle de PRO (Stroik, 1992), sem a presença obrigatória de *se* (Pacheco, 2008):

- (23) a. A porta abriu para PRO facilitar a saída. (ergativa)
b. Essa porta abre facilmente para PRO facilitar a saída. (média)

- (24) O estúdio fechou para PRO reformar. (ergativa)

Pelos resultados em (22) e (23)-(24), vê-se que os diagnósticos de Agente implícito são gramaticais tanto em ergativas quanto em médias, não constituindo uma propriedade distintiva desses dois tipos de construções.

4. A sufixação em *-or* e os verbos de alternância

Argumentamos no início deste artigo que a possibilidade da alternância verbal poderia ser captada por meio de traços da estrutura léxico-conceitual dos verbos. A formação de nomes pela sufixação em *-or* pode ser uma pista para a identificação das propriedades das estruturas léxico-conceituais dos verbos em questão. Segundo a literatura, verbos que alternam ergativamente, quando acrescidos de *-or*, formam nomes de instrumentos. Por outro lado, os verbos que não possuem a variante ergativa formam nomes de agente. Seria de se esperar, portanto, dados os exemplos em (1) e (2), que verbos da classe de *abrir*, quando afixados com *-or*, dessem origem a nomes de instrumentos, enquanto verbos da classe de *pintar*, que não admitem a construção ergativa, quando afixados, produzissem nomes de agente. Em (25), temos exemplos de sentenças ergativas com verbos da classe de *abrir* e, em (26), nomes de instrumentos formados a partir desses verbos:

- (25) a. Os ovos quebraram.
b. A água congelou.
c. O carro acelerou.
d. A porta abriu.
e. A caixa fechou.
f. O lápis apontou.
g. A bola furou.
h. Os jogadores aqueceram.
i. O vidro desembalçou.
j. A carne moeu.
- (26) quebrador (noz, ovos), congelador, acelerador, abridor, fechador (de caixa), apontador, furador, aquecedor, desembalçador, moedor⁴

Já em (27), temos verbos que não alternam ergativamente e, em (28), nomes de agentes formados pela derivação desses verbos por meio do sufixo *-or*:

- (27) a. *A casa vendeu.
b. *A parede pintou.
c. *A casa varreu.
d. *A ponte construiu.
e. *O chocolate comprou.
f. *O carro guardou.
g. *A estátua esculpiu.
h. *As compras empacotaram.
i. *A louça lavou.
j. *O texto traduziu.
- (28) vendedor, pintor, varredor, construtor, comprador, guardador, escultor, empacotador, maquiador, investigador, lavador (de carro), tradutor⁵

A proposta de Salles & Naves (2009) é compatível com os resultados decorrentes da sufixação em *-or* no seguinte sentido: as autoras propõem, como foi dito, que a alternância sintática de verbos como *abrir*, que tanto admitem o Instrumento em posição de sujeito como se constroem ergativamente e em sentença média, decorre do fato de que esses verbos não possuem uma variável de Instrumento em sua estrutura léxico-conceitual, sendo o sintagma Instrumento acrescentado à estrutura por um núcleo aplicativo que o vincula ao Agente. Já verbos como *pintar*, que somente admitem a construção média, possuem, segundo as autoras,

⁴ Fazem parte desse conjunto os seguintes verbos, que se constroem ergativamente, e os respectivos nomes de instrumento: despertar/despertador, coar/coador, acender/acendedor, ventilar/ventilador, abafar/abafador, refletir/refletor, radiar/radiador, planar/planador, refrigerar/refrigerador, resfriar/resfriador, aquecer/aquecedor, grampear/grampeador, incinerar/incinerador, apagar/apagador, bombear/bombeador (de sangue), higienizar/higienizador, escorrer/escorredor, triturar/triturador, vaporizar/vaporizador, purificar/purificador, aparar/aparador, capacitar/capacitor, secar/secador, derreter/derretedor (derretedeira de chocolate), triturar/triturador, desentupir/desentupidor, prender/preendedor, carregar/carregador, abotoar/abotoador.

⁵ Fazem parte desse conjunto os seguintes verbos e os respectivos nomes agentivos: perder/perdedor, pescar/pescador, revisar/revisor, atirar/atirador, levantar/levantador, carregar/carregador, decorar/decorador, investir/investidor, inventar/inventor, apresentar/apresentador, organizar/organizador, pichar/pichador, adestrar/adestrador, entregar/entregador, trabalhar/trabalhador, pesquisar/pesquisador.

uma variável Instrumento em sua estrutura léxico-conceitual, de forma que o Instrumento é projetado como argumento de uma preposição lexical. Por trás dessa proposta, está a ideia de que Agente e Instrumento se associam semanticamente de formas distintas nos dois casos: para o verbo *abrir*, eles são independentes, podendo o Agente desencadear o evento sem o auxílio do Instrumento (ou, em contrapartida, o Instrumento figurar como uma espécie de desencadeador do evento, sem que o Agente seja manifesto, caso em que o Instrumento ocorre como sujeito); para o verbo *pintar*, só é possível conceber o evento se Agente e Instrumento estão vinculados (ou seja, mesmo sem a presença do Instrumento, pressupõe-se que o Agente tenha se utilizado de um Instrumento para desencadear o evento).

Essa distinção na relação entre Agente e Instrumento para as duas classes de verbos teria, na nossa visão, impacto sobre o tipo de formativo em *-or*: quando a estrutura léxico-conceitual do verbo não contém a informação sobre Instrumento, o sufixo teria a função de introduzir essa informação, motivo pelo qual as formações em (26) se referem a nomes de instrumento; por outro lado, quando a estrutura léxico-conceitual do verbo já traz a informação sobre Instrumento, o sufixo *-or* remete ao Agente, caso das formações em (28).

Observemos, agora, a situação contrária: verbos formados a partir de nomes de instrumentos. Salles & Naves (2009, p. 15) verificaram que verbos denominais que têm em suas propriedades lexicais a noção de Instrumento (*escova/escovar*, *cera/encerar*, *sabão/ensaboar*, *filtro/filtrar*, *lixa/lixar*, *pente/pentear*, *regador/regar*, *rastelo/rastelar*), não admitem a alternância instrumental e a ergativa, como demonstrado em (29b-c).

- (29) a. O funcionário escovou o terno com a escova de plástico.
b. *A escova de plástico escovou o terno.
c. *O terno escovou.

Nessa situação, dada a proposta de Salles & Naves, espera-se mesmo que a alternância ergativa não ocorra, uma vez que os verbos portam um traço semântico de Instrumento em sua estrutura lexical, comportando-se como *pintar*.

De fato, os verbos em (30), formados a partir de nomes de Instrumento, não admitem alternância ergativa, como se nota em (31):⁶

- (30) *garfar*, *esfaquear*, *martelar*, *carimbar*, *parafusar*, *palear*, *espeter*, *apedrejar*, *chicotear*, *pentear*, *apitar*, *pincelar*, *marretar*.
- (31) a. João penteou o cabelo.
b. *O cabelo penteou.

Aparentes contra-exemplos ocorrem com os verbos *enfeitar* e *envenenar*, também denominais:

- (32) a. Os comerciantes enfeitaram as lojas com arranjos de Natal.
b. Os arranjos de Natal enfeitaram as lojas.
c. As lojas *(se) enfeitaram.
- (33) a. O João envenenou o gato com o cianureto.
b. O cianureto envenenou o gato.
c. O gato *(se) envenenou. (SALLES & NAVES, 2009, p. 16)

⁶ Vale ressaltar que, apesar de não admitirem a alternância ergativa, esses verbos aceitam a alternância média, como em: *Meu cabelo penteia fácil*.

Segundo as autoras, o resultado esperado seria que esses verbos bloqueassem a alternância instrumental e a ergativa, como o verbo *escovar*. A explicação das autoras é que haveria, dentro da classe dos denominais, uma subdivisão entre verbos formados a partir de instrumentos que contém um princípio ativo e que podem funcionar, eles próprios como mecanismos que desencadeiam um evento, e verbos formados a partir de instrumentos que só desencadeiam um evento quando estão sob a ação de um Agente. Os primeiros alternam, enquanto os últimos não alternam.

Verbos como *filtrar* são do primeiro tipo (o *filtro*, instrumento que dá origem ao verbo, funciona como uma espécie de mecanismo autônomo no desencadeamento do evento), admitindo alternância.

- (34) a. João filtrou a água.
b. O filtro de barro filtrou água.
c. A água filtrou.
d. A água desse filtro filtra rapidamente.

Voltando à formação dos nomes em *-or*, observemos verbos polissêmicos que ora se apresentam como alternantes, ora como não alternantes, como nos casos de *carregar* (cf. (35a-b)-(36a-b)) e *prender* (cf. (37a-b)-(38a-b)). A previsão inicial se confirma no sentido de que a formação de nomes de instrumento está associada à possibilidade de alternância verbal, enquanto a formação de nomes de agente está associada à impossibilidade de alternância verbal:

- (35) a. João carregou o celular.
b. O celular carregou.
c. carregador de celular (instrumento)
- (36) a. João carregou os presentes.
b. *Os presentes carregaram.
c. carregador de presentes (agente)
- (37) a. Joana prendeu o cabelo.
b. Meu cabelo não prendeu.⁷
c. prendedor de cabelo (instrumento)
- (38) a. A polícia prendeu os bandidos.
b. *Os bandidos prenderam.
c. “prendedor” de bandidos (agente)

Em (36a) e (38a), *João* e *a polícia* são os agente do evento. Entretanto, em (35a) e (37a), respectivamente, *João* não transmite carga para o celular (quem faz isso é o carregador), assim como não é *Joana* que prende o cabelo (quem faz isso é o prendedor de cabelo).

Esses dados apontam para o mesmo fato indicado em Salles & Naves (2009) para o tipo de instrumento. No caso de (35) e (37), os instrumentos parecem atuar de forma autônoma no desencadeamento do evento, o que daria origem também aos formativos em *-or*

⁷ Dado de fala.

como nomes de instrumentos, enquanto em (36) e (38), é pela ação dos Agentes que o evento se desencadeia, de tal maneira que os formativos em *-or* remetem a esse papel temático.

5. Conclusão

Neste estudo, discutimos duas classes de verbos transitivos – os do tipo de *abrir* e os do tipo de *pintar* –, assim como suas estruturas argumentais e a organização dos argumentos na sentença. Os da primeira classe alternam nas formas média e ergativa. Além disso, quando na forma causativa, vimos que a sentença pode ter na posição de sujeito um Agente/Causa/Instrumento. Os verbos da segunda classe expressam apenas um Agente/Causa na estrutura causativa. Ademais, apresentam-se apenas na forma média. Sentenças ergativas e com Instrumento em posição de sujeito são agramaticais com esses verbos.

Apresentamos o trabalho de Salles & Naves (2009), que investigaram sintagmas introduzidos pela preposição *com*, os quais têm papel temático de Instrumento. Segundo as autoras, para os verbos que permitem a alternância ergativa e a instrumental, não há previsão de uma variável Instrumento na sua estrutura léxico-conceitual e a relação entre Agente e Instrumento fica definida pela noção de fusão/fissão de papéis temáticos, mediada, na sintaxe, por um núcleo aplicativo. Por outro lado, para os verbos que não admitem a alternância, a variável Instrumento está prevista na estrutura léxico-conceitual dos verbos, sendo o sintagma instrumental manifestado sintaticamente por meio de uma preposição lexical.

A relação entre Agente e Instrumento, que parece distinguir as alternâncias média e ergativa, foi discutida em termos das propostas de análise para um Agente implícito nas construções médias. Considerou-se que a presença de sintagmas instrumentais, assim como as estruturas de controle de PRO, embora sejam evidência da existência de um Agente, não distinguem ergativas de médias no português, já que há sentenças gramaticais desses dois tipos.

A existência (ou não) de uma variável instrumento na estrutura léxico-conceitual dos verbos, conforme discutido por Salles & Naves (2009), se mostrou relevante para a proposta deste artigo: assumimos que traços da estrutura léxico-conceitual do verbo podem ser inferidos da formação de nomes pela sufixação em *-or*. Verbos que alternam, como no caso de *abrir*, derivam nomes de instrumento, porque não possuem essa informação em sua estrutura léxico-conceitual, de forma que é o sufixo o responsável por associar ao nome essa noção; por outro lado, verbos não-alternantes, como *pintar*, derivam nomes de agente, porque já têm em sua estrutura léxico-conceitual a informação sobre instrumento.

Referências

- BAKER, M. Thematic Roles and Syntactic Structure. In *Elements of Grammar: Handbook in Generative Syntax*. ed. L. Haegeman, 73-137. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- CAMBRUSSI, M. F. *Médias e Ergativas: uma construção, dois sentidos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- HALE, K.; KEYSER, S. Some transitivity alternation in English. *Lexicon project working papers 7*. Cambridge, Mass., MIT, 1986.
- HALE, K.; KEYSER, S. A view from the middle. *Lexicon Project Working Papers 10*. Cambridge: MIT, 1987.
- GOLBERG, A. *Constructions*. A construction grammar approach to argument structure. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- KEYSER, S.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, v. 15, p. 381-416, 1984.



- KLINGVALL, E. A secret agent in the middle? *The Department of English: working papers in English linguistics*, vol. V, ed. by Heinat F. and E. Klingvall, 2005.
- MICHAELIS, L.; RUPPENHOFER, J. *Beyond alternations: a constructional model of the German applicative pattern*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2001.
- NAVES, R. & LUNGUINHO, M. *Aspecto e alternância causativa*. VIII Encontro do Centro de Estudos Lingüísticos do Sul – CELSUL. Porto Alegre, 2008. *Handout* de apresentação.
- PACHECO, J. C. *A sintaxe das construções médias no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2006.
- PILKÄNNEN, L. *Introducing arguments*. PhD Dissertation. MIT, 2002.
- SALLES, H.; NAVES, R. O estatuto da preposição *com* em construções com alternância sintática. *Revista Polifonia*, Cuiabá, n. 17, p. 9-27, 2009.
- STROIK, T. Middles and reflexivity. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 1, p. 119-131, 1999.
- RODRIGUES, C. A. N. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1997.